A alucinação revolucionária: a *New Age*

Olavo de Carvalho

Continuação

Quanto mais você ignora a origem das suas idéias, crenças e preferências, mais se imagina criador de si mesmo e livre de toda influência externa. Mantidos na ilusão da independência, milhões de idiotas repetem o que lhes mandaram dizer e fazem o que foram adestrados para fazer. Nada ilustra isso melhor do que a *New Age*. Nunca um movimento se espalhou tão rapidamente pelo mundo e impôs novos padrões de julgamento, de sentimento e de percepção com tão aparente naturalidade que hoje em dia dificilmente se encontra, nos grandes centros urbanos, alguém cuja vida mais íntima e até inconsciente não tenha sido moldada ou pelo menos afetada por ele.

Seria inútil procurar um conjunto ou sistema de idéias e propostas que definissem a *New Age*. Reina aí a mais fugurante confusão e multiplicidade de fontes que nenhum estudo abrangente conseguiu abranger e muito menos ordenar. As interpretações parciais, que enfatizam um aspecto em detrimento dos outros, tornam a coisa ainda mais confusa.

Mais fácil é descrever esse movimento negativamente, por aquilo que, na prática senão também em teoria, ele busca destruir. Nesse ponto não resta a menor dúvida: quaisquer que sejam as intenções subjetivas de seus participantes individuais, no conjunto a *New Age* teve e tem como objetivo prioritário dissolver a unidade cristã da civilização ocidental numa pasta de religiões, tradições, “espiritualidades”, magias e místicas diversas, que hoje o cidadão comum já não consegue mais distinguir daquilo que possa ter sido o cristianismo.

Uma segunda camada de traços negativos identificadores aparece sob a primeira. Como o pretexto motivacional usado para atrair as massas para o movimento foi o de “reencantar o mundo”, abrindo na casca do

cientificismo tecnocrático-materialista uma janela para algo que se chamava “a transcendência”, “a espiritualidade”, etc., o movimento comportou também uma parte de antimaterialismo e anticientificismo militante, que muitos tomaram como se fosse a sua linha definitiva central; mas, ao mesmo tempo ele buscou angariar em seu favor toda a sorte de legitimações científicas, ampliando, assim, a autoridade da ciência acadêmica até elevá-la ao estatuto de uma sabedoria superior ou revelação divina. Se a relação do movimento com a tradição científica do Ocidente é, portanto, ambígua, não há nada de ambíguo no seu empenho de desviar a imaginação das massas do cristianismo para alguma outra coisa, ou melhor, para uma alucinante infinidade de coisas. Entre o materialismo do século XIX e o falso despertar espiritual da *New Age*, o antagonismo aparente encobre a unidade profunda de uma destruição em duas etapas, que primeiro comprime os seres humanos na “terrestrialização absoluta” do pensamento, como dizia Antonio Gramsci, e depois, quando a compressão levou massas inteiras ao desespero, lhes abre a porta de um simulacro de espiritualidade, realizando, assim, a profecia de Nietzsche: “Só se destrói completamente aquilo que se substitui”.¹

A essa definição negativa pode-se acrescentar um esboço de unidade histórica. Ao longo de toda história do Ocidente cristão, uma subcorrente de pensamento mágico-ocultista jamais desapareceu por completo, despontando aqui e ali em manifestações ora mais, ora menos camufladas, que foram ganhando corpo a partir do Renascimento até explodir a plena luz do dia no espetáculo mundial da *New Age*.

Não espanta, assim, que entre as fontes reivindicadas por esse movimento esteja a mais antiga forma de atividade religiosa conhecida na história humana, o chamanismo. Todas as expressões da *New Age* revelam algum toque chamânico. O chamã é um indivíduo que mediante rituais e práticas asséticas obteve algum contato com o mundo das forças sutis da natureza, tornando-se capaz de, em estado de transe, prever acontecimentos, operar curas e exercer sobre a comunidade humana um poder de influência considerável. O chamã tem um controle muito precário das forças que manipula, tornando-se, com frequência, vítima delas e podendo, por isso mesmo, ser facilmente manipulado por magos e

¹ A dialética da “solidificação” e da “dissolução” é magistralmente explicada por René Guénon no capítulo XXIV de *O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos* (*Le Règne de la Quantité et les Signes des Temps*, Paris, Gallimard, 1945, reed. 1962, pp. 162 ss.).

ocultistas de nível mais alto, sem ter disto a menos consciência. O transe, que pode ser provocado por algum estímulo natural, por exercícios ou pela ingestão de substâncias alucinógenas, leva-o a um estado alterado de consciência onde se confundem as forças sutis, o angélico e o diabólico. “A New Age, sobretudo, dá nova importância a todos os fenômenos de transe das religiões antigas e recentes, do *candomblé* da Bahia ao *bori* da África, do *vudu* haitiano ao *vodun* do Benin e do Daomey, do *ndoep* do Senegal ao *dhikr* dos muçulmanos”.²

Entre outras técnicas que vieram se somar às chamânicas, destacam-se a meditação zen-budista, o *yôga*, as práticas teosóficas e antroposóficas, o *subud*, os exercícios da escola Gurdjieff e do grupo italiano Ur, chefiado por Julius Évola, o uso de drogas alucinógenas, uma variedade alucinante de técnicas de massagem, relaxamento e hipnose e uma infinidade de outras, de origem mais moderna, surgidas da pesquisa clínica e acadêmica: a bioenergética de William Reich, a terapia *Gestalt* de Fritz Perls, os exercícios posturais de Feldenkreis, a terapia do “grito primal” de Arthur Janov, a RPG (reabilitação postural global), o *rolfing*, o *rebirthing* criado em Esalen por Leonard Orr, a *sofrologia* de Alfonso Caycedo, o biofeedback e uma infinidade de outras.

Entre os precursores mais modernos da New Age é preciso destacar Franz Mesmer, Fabre d’Olivet, Alan Kardec, Gerard Encausse (Papus), Madame Blavatski, Edgar Cayce, Aleister Crowley, Rudolf Steiner, Julius Évola e, com certa ambiguidade, como veremos adiante, René Guenon e toda a sua escola de pensamento “tradicionalista”.

Importantes organizações ocultistas desenvolveram-se na Alemanha, tanto durante a República de Weimar quanto no período nazista. A divulgação desse fenômeno pelo livro de Louis Pauwels e Jacques Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, em 1968, foi o toque de despertar que antecedeu imediatamente a eclosão da *New Age*. O movimento adquire seu primeiro perfil público em Pasadena e Esalen (califórnia) e em Princeton (New Jersey). Mas, no começo dos anos 70 já havia nos EUA pelo menos quarenta importantes centros de difusão, quase sempre ancorados no prestígio de cientistas-místicos que buscavam uma alternativa ao materialismo.

Tamanha é a variedade de técnicas psíquicas fornecidas pela *New Age*, que em geral, os interessados se submetem a várias delas, 2 Aldo Natale Terrin, *New Age: La Religiosità del Postmoderno*, Bologna, Edizioni Dehoniane, 1992. p. 20.

sucessivamente ou ao mesmo tempo, o que já basta para tirá-lo quase que instantaneamente da atmosfera cristã e jogá-lo num espaço indefinido e sem limites onde a sucessão de experiências eletrizantes não raro vem junto com um notável decréscimo de inteligência e uma regressão a emoções infantis.

Há um outro elemento que é comum a todas as manifestações da New Age, e no qual não hesito em ver um eco remoto da torção operada por Immanuel Kant, de uma metafísica focada no Ser para uma submetafísica centrada no sujeito. De fato, em toda a *New Age* nada se vê de similar aos milagres da Igreja Católica, que são interferências diretas do poder divino no mundo, independentes do estado subjetivo das pessoas envolvidas. Ao contrário, a ênfase recai em “experiências interiores”, “estados de consciência”, “sensitividade”, etc. Tudo isso passa-se *dentro* do sujeito. A existência ou não de uma contrapartida objetiva desses estados de percepção parecem ser indiferentes ou inexistentes. O imenso “despertar espiritual” resolve-se, enfim, na exploração sem fim de novos e variados estados subjetivos.